

Problemas estruturais comprometem funcionamento da Estação da Lapa

Rachaduras, infiltrações e insegurança estão entre as principais queixas dos usuários

Alan Rodrigues

Mais de um ano após a conclusão da vistoria realizada pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea) na Estação da Lapa, pouco ou quase nada mudou no maior terminal de transporte coletivo de Salvador. Rachaduras, infiltrações, sujeira, insegurança e dificuldades no acesso e circulação estão entre as principais queixas dos usuários. Em vários pontos do terminal, redes de proteção e andaimes indicam a realização de obras, mas as intervenções, emergenciais, causam mais apreensão do que satisfação em quem transita pelo lugar.

Os problemas para os passageiros começam no acesso ao terminal. Na subida do subsolo para o térreo e no segundo lance de escadas que dá acesso à saída localizada ao lado do Colégio Central, os equipamentos rolantes não funcionam. Todos, inclusive idosos, são obrigados a subir

a pé. Um sacrifício para a dona de casa Deni Ribeiro, 68 anos. Com inflamações nos tendões de Aquiles, ela está sempre com os calcanhares inchados por conta do esforço a que é submetida. "Quando as duas escadas estão interditadas, eles colocam um microônibus para trazer a gente, mas quando é só uma tem que subir a pé", reclama.

Vera Machado, 56, é aposentada, mas demonstra preocupação com outra categoria de usuários. "Como é que o deficiente faz para subir uma escada dessa?", indaga. Para ela, deficiente mesmo é a estrutura da estação. "Um lugar com circulação de tanta gente e não melhora nunca". Além do transtorno de enfrentar dezenas de degraus diariamente, Vera aponta a insegurança como outro fator negativo na Lapa. "É muito sinistro aqui. Se de dia a gente se sente inseguro, imagine de noite, é muito escuro".

Assaltos - A falta de segurança também afeta os comerciantes que trabalham na es-

tação. O vendedor Francisco Justiniano, 30, da loja de livros e revistas Sebo Juvenil, diz que a "falta de segurança é evidente". Segundo ele, "sempre rolam uns assaltos, volta e meia passa alguém correndo com a segurança atrás. Muita gente tem medo até de atender a celular, precisa entrar em alguma loja para poder abrir a bolsa", conta. Ele explica que a situação piorou depois que o convênio mantido com a Polícia Militar foi rompido e ficaram apenas as seguranças patrimoniais, que não possuem armas nem efetuam prisões. Em função desses episódios, já corriqueiros, o movimento de clientes tem caído nos últimos meses. "As pessoas têm medo até de parar para dar uma olhada", revela.

Outra preocupação de Francisco é com as infiltrações. Ele acredita que as obras em curso no terminal não passam de "maquiagem" e relata que, em dias de chuva, a água escorre por dentro da Lapa, revelando o comprometimento das estruturas. "No subsolo

faz até medo, chove dentro da estação. Essa água só pode estar passando por dentro do concreto", avalia.

A lanchonete que funciona ao lado das escadarias que dão acesso ao Colégio Central também se ressentiu da precariedade das instalações. Além da pouca iluminação e da insegurança, as obras realizadas pelo Metrô prejudicaram diretamente o funcionamento do estabelecimento. "Quebraram embaixo do nosso piso e retiraram as tubulações sanitárias e os fios telefônicos", queixa-se a secretária da empresa, Darcy Aguiar, 32. Sem telefone, a lanchonete deixou de receber pagamentos com cartões eletrônicos de débito ou crédito, e por falta de esgotamento, os sanitários foram desativados. "Os clientes usam o banheiro da estação, quando não está interditado, ou então vão procurar banheiro no shopping", lamenta a funcionária, que acaba perdendo clientela para a praça de alimentação do centro de compras vizinho.